

Cultura corporal de movimento: da Educação Infantil ao Ensino Médio

Marcos Garcia Neira

Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP)

Defender uma proposta de ensino baseada na cultura corporal do movimento implica, obrigatoriamente, compreender a Educação Física como componente inserido na área das linguagens, eger o patrimônio da comunidade como tema a ser abordado e adotar os estudos culturais e o multiculturalismo crítico como terrenos conceituais.

A proposição de uma ação pedagógica pautada no patrimônio cultural da comunidade escolar costuma ser acompanhada de alguma resistência não só por parte daqueles que vivenciam o cotidiano escolar, como também dos personagens situados em muitos outros pontos da sociedade. A discussão fica ainda mais calorosa quando o componente em questão é a Educação Física; afinal, isso significa assumir que práticas corporais como o *funk*, o *rap*, o *skate*, o *parkour*, o *hip-hop*, o carrinho de rolimã, o baralho, o maculelê e a capoeira podem ser tematizadas na escola, tendo em vista a realização de uma ação educativa sensível às diferenças culturais e atenta à formação de identidades democráticas.

Para o alcance desses objetivos, o componente precisa romper com sua tradição epistemológica pautada na psicobiologia e eger as Ciências Humanas como referencial teórico. Assim pensado, o mo-

vimento deixa de ser visto como produto do sistema de alavancas, da síntese metabólica ou da estimulação nervosa, para ser concebido como forma de linguagem. Nesses termos, concebem-se as práticas corporais como construções da linguagem corporal, sendo objetivo da Educação Física proporcionar aos alunos condições para a produção e leitura crítica das manifestações culturais elaboradas pela motricidade sistematizada disponíveis na sociedade.

O enfoque atribui uma responsabilidade nova ao componente, substituindo as preocupações anteriores com a melhoria da aptidão física, das habilidades motoras ou das funções psicológicas superiores pela significação materializada ou simbólica das práticas corporais. As modificações não são pequenas. Trata-se de uma mudança epistemológica com consequências para o fazer pedagógico. Aulas centradas na melhoria do desempenho corporal deixarão espaço para vivências corporais ancoradas socialmente. Os temas serão eleitos de acordo com a ocorrência das práticas corporais no contexto cultural mais amplo, e atividades como assistência a vídeos, visitas, entrevistas, leituras de textos científicos, literários ou jornalísticos, entre tantas outras situações didáticas, comporão os projetos de ensino, com duração quinzenal, mensal, bimestral, trimestral ou anual, conforme o caso.

Os fundamentos e as orientações didáticas dessa perspectiva de trabalho denominada cultural foram apresentados durante o Saber em Ação 2013, evento destinado aos mais de 5 mil educadores atuantes nas 175 escolas da rede escolar do Serviço Social da Indústria de São Paulo (SESI-SP), espalhadas por 111 municípios. O formato adotado, com a transmissão por videoconferência, garantiu a assistência simultânea à apresentação da proposta, seguida de um tempo para respostas às questões enviadas durante a exposição. O montante de perguntas encaminhadas, exatamente 321, denota o interesse dos participantes na temática e o impacto com o teor da comunicação. Outro fator que pode ter contribuído para ampliar o envolvimento

dos docentes é a recente publicação da Proposta Curricular de Educação Física do SESI-SP, cuja vertente adotada é a mesma.

Muito embora o relato de experiência¹ que ilustrou a fala possa ter dirimido algumas dúvidas, por si próprio suscitou outras indagações. Ao tematizar os elementos que caracterizam a cultura *hip-hop*, com especial destaque para a análise das manifestações corporais e dos seus representantes, o trabalho desenvolvido por uma professora que atua no quinto ano de uma escola municipal paulistana evidenciou uma profunda distinção com relação ao ensino convencional da Educação Física.

Apesar do esforço para agrupar as questões enviadas por e-mail e sintetizar os principais pontos abordados em uma só resposta, é certo que muitas lacunas não foram preenchidas, por causa da dificuldade de atender aos múltiplos aspectos levantados pelos participantes. É o que fez surgir a ideia de atender aos questionamentos dos educadores por meio deste texto. As perguntas recebidas foram categorizadas conforme o tema. Em cada categoria, a questão mais ampla foi transcrita e respondida. Obviamente, não esperamos dar por encerrado o assunto nem tampouco oferecer a verdade. Muito pelo contrário, a intenção é seguir no debate.

Polo Prudente² – Argumente sobre a necessidade de apresentar uma boa proposta que promova a interação das múltiplas disciplinas de modo a superar o preconceito na unidade de ensino.

Marcos Neira (MN) – Nem sempre o tema selecionado é rico o suficiente para ensejar um trabalho que envolva conhecimentos de diferentes disciplinas. Essa forma de organização curricular tampouco deve ser utilizada para “superar o preconceito”. Isso acontecerá na

1. “*Hip-hop na escola*”. Projeto desenvolvido pela profa. Jacqueline Cristina de Jesus Martins, a quem agradeço pela autorização para apresentá-lo. O relato completo encontra-se disponível em <www.gpef.fe.usp.br>.
2. Quando o autor da pergunta não está identificado, mencionamos o polo, a cidade ou a unidade escolar de origem, conforme consta na mensagem encaminhada.

medida em que a gênese da diferença for problematizada nas várias disciplinas.

Profa. Lilian Lima Santos (CE 138 – Santo Anastácio) – Como abordar e dar significado à prática da cultura corporal e como explorar e desenvolver com alunos que possuam movimentos limitados?

MN – Na perspectiva cultural não há nada que não possua significado. O que acontece é que os significados atribuídos às coisas do mundo podem variar de grupo para grupo. Nessa vertente, compreende-se que a gestualidade é produto da interação do sujeito com a cultura, daí as experiências didáticas não visam ampliar, corrigir, melhorar ou desenvolver os movimentos. O trabalho é realizado levando em conta a gestualidade que os alunos possuem. Qualquer mudança decorrerá das vivências durante as aulas e fora delas.

Profa. Renata Braga (CE 138 – Santo Anastácio) – Como podemos trabalhar e desenvolver uma visão crítica cultural e social tendo em vista o auge dos ritmos, a exemplo do funk ostentação?

MN – Na perspectiva cultural é fundamental problematizar qualquer manifestação corporal que componha o repertório dos alunos. Atividades como leitura e interpretação das letras das músicas e da gestualidade que caracteriza a dança, devidamente fundamentadas com a ajuda do professor, poderão oferecer outros elementos de análise e contribuir para um olhar crítico sobre o tema. O que não significa que os alunos deixarão de dançar ou de gostar.

Presidente Prudente – Quais contribuições os estudos culturais e o multiculturalismo crítico trazem para os outros componentes curriculares?

MN – Em síntese, os estudos culturais fornecem elementos para a análise dos produtos culturais (os conhecimentos valorizados no currículo, os programas televisivos etc.). Ajudam-nos a identificar como as relações de poder interferem na produção discursiva e quais iden-

tidades são projetadas. Por sua vez, o multiculturalismo crítico subsidia-nos na seleção de saberes oriundos dos grupos subalternizados, conhecimentos que foram negligenciados pela cultura hegemônica.

Prof. Mêncio (CE 101) – Na faculdade, a Educação Física fazia parte das ciências biológicas. Diante do quadro de sedentarismo e obesidade infantil, essa disciplina não deveria estar vinculada à área de ciências? Aliás, existe o slogan: esporte é saúde! Nos EUA, a problemática é considerada caso de saúde pública!

MN – A legislação educacional das duas últimas décadas insere a Educação Física na área das linguagens. A função da disciplina é ajudar os alunos na leitura e produção das práticas corporais. Comumente, a visão de saúde transmitida nos cursos de graduação reforça a noção biológica do corpo e do movimento, deixando de lado uma infinidade de experiências culturais que precisam fazer parte das campanhas de saúde pública: menor carga de trabalho, mais oportunidade de lazer, melhores condições de transporte, entre tantas outras. A Educação Física tem bem pouco a contribuir com essa visão.

Polo Jundiaí – Como podemos estimular nossos alunos a desenvolver o interesse e gosto por outras atividades corporais na escola, visto que hoje seu maior interesse está em focar o seu tempo em jogos virtuais e redes sociais?

MN – Caso seja esse o objetivo da escola, há que se organizar atividades de ensino que reconheçam e valorizem o patrimônio cultural corporal disponível na comunidade. Um ponto de partida pode ser o desenvolvimento de projetos de ensino que problematizem os jogos eletrônicos. Muitos possuem interfaces com outras práticas corporais.

Prof. Alisson Rosa (CE 339) – Há na rede SESI-SP um evento institucional denominado JES (Jogos Estudantis do SESI), de caráter compe-

titivo, que, na fase intermunicipal e estadual, sofre restrição no número de participantes por modalidade. Tal evento não é contraditório se comparado com a perspectiva cultural?

MN – Sim. Mas isso não significa que a competição não seja abordada nas aulas de Educação Física. A contradição consiste em selecionar e restringir a participação dos alunos. Na perspectiva cultural, o convite para participar deve ser estendido a todos.

Prof. Guilherme Neves (Bebedouro) – Se a escola é um lugar para, entre outras coisas, se construir conhecimento, por que não explorar uma outra prática corporal que não o hip-hop, que já é algo comum à realidade de muitos alunos? Não seria mais adequado trabalhar com algo que eles não conhecem?

MN – Qualquer manifestação cultural corporal pode ser trabalhada no currículo escolar. Mesmo estudando um tema próximo aos alunos, não são todos que possuem familiaridade com ele, muito menos conhecimentos aprofundados. Ao focalizar apenas aquilo que está distante das realidades vividas pelos alunos, os efeitos do trabalho serão resistência e afastamento. A ideia é mapear o patrimônio para dele partir e não permanecer no que já sabem.

Prof. Alisson Rosa (CE 339) – Na rede SESI-SP, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, as manifestações da cultura corporal estão inseridas na base diversificada denominada “vivências esportivas”, na qual a metodologia proposta baseia-se na melhoria da performance física e motora, contrariando a função da Educação Física escolar na perspectiva cultural, que é a de analisar a diversidade das práticas corporais da sociedade. Como alinhar essa situação?

MN – As duas situações não dialogam. A primeira é excludente e seletiva, e a segunda é inclusiva. Cada qual pretende formar sujeitos diferentes. A proposta curricular presente no Caderno de Educação Física, publicado em 2013 pela rede SESI-SP, afasta-se da noção de

melhoria da performance física e motora, para alinhar-se à perspectiva cultural.

Profª. Aline (Polo Campinas) – A avaliação é algo que discutimos constantemente. Muitos professores compõem as notas levando em conta a participação dos alunos, o comportamento dentro das aulas, o que não condiz com os objetivos das aulas de Educação Física. Então, como devemos avaliar os alunos nessa disciplina? Como avaliar aquele aluno que não participa ou pouco interage nas aulas, mesmo quando o professor tenta incentivá-lo?

MN – Na perspectiva cultural, a avaliação não recai sobre a aprendizagem dos alunos, pois refere-se ao processo desenvolvido. Avalia-se a trajetória percorrida, verificando se é necessário modificá-la. A constatação de que alguns alunos não participam é produto da avaliação. Nesse caso, em vez de incentivá-los, há que se buscar as razões de tal afastamento e tentar modificar o percurso.

Prof. Maurício (CE 222 – São Caetano do Sul) – Professor, explore um pouco mais a concepção da Educação Física como código e linguagem e a possibilidade de trabalhos interdisciplinares, principalmente com a área de humanas.

MN – Na vertente apresentada, o objeto de ensino da Educação Física é a cultura corporal. Ou seja, toda produção envolvendo as práticas corporais. Técnicas, história, superstições, regras, táticas, vestuário, enfim, todo e qualquer conhecimento relacionado às brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes. Por sua vez, estes são vistos como textos da cultura, pois a gestualidade que requerem é sistematizada e se modifica conforme o grupo cultural. Basta comparar uma partida da seleção brasileira de basquetebol com uma da NBA. A modalidade é a mesma, mas os textos são distintos. Na escola, um exercício interessante será interpretar essas imagens, para em seguida produzi-las de acordo com as experiências dos alunos. O

potencial para trabalhos interdisciplinares é infinito. À medida que nossa compreensão sobre uma prática corporal melhora, e para isso é necessário mobilizar conhecimentos de diversas áreas, abandonamos a relação de mero consumo para adotar uma postura crítica.

CE 208 – Leme – Supondo que tenhamos estudado um ritmo, sua origem etc. e a música pela qual o aluno se interessa é em língua estrangeira. Peço auxílio da professora de inglês para traduzi-la e descobrimos que aborda temas como incentivo ao sexo, drogas e violência. Como lidar com a reação das famílias caso outras crianças passem a se interessar? Peço que elas procurem músicas que incentivem ações positivas? E quanto aos alunos que não participam dessas atividades porque a religião não permite?

MN – A escola existe para ajudar as pessoas a entenderem a sociedade em que vivem, procurando melhorá-la. Essas músicas estão disponíveis dentro e fora da escola. Vale recordar que antes, depois ou nos intervalos das aulas os alunos circulam com seus aparelhos eletrônicos, ouvindo músicas de sua preferência. Também procuram traduções das letras que os atraem, longe ou perto do olhar dos adultos. Não se trata de estabelecer com essa ou qualquer outra música uma postura contemplativa. Na perspectiva cultural da Educação Física, a atividade só terá sentido se consistir em problematizar a letra, o modo de dançar, as histórias dos participantes etc. Isso não significa incentivar. Muito pelo contrário, às vezes temos que insistir na atividade porque muitos alunos preferem permanecer na superficialidade, apenas ouvindo e dançando. O despontar das diferenças religiosas é um bom motivo para iniciar a problematização. Todos os alunos precisam saber que a sociedade possui grupos que atribuem significados distintos àqueles considerados hegemônicos. Também há grupos que, por motivos religiosos, não praticam determinados esportes. Considerando que a escola é um local em que a cultura pública se transforma em objeto de trabalho, as diferenças de qualquer

tipo precisam ser explicitadas. Deixar que os alunos simplesmente não participem é a pior solução, pois as distâncias serão ampliadas. Há que se convidar os pais para uma conversa aberta e explicar os objetivos pedagógicos daquilo que está sendo feito.

Profa. Isabel (CE 401 – Polo de São José dos Campos) – Gostaríamos que exemplificasse de maneira sucinta como seria o trabalho com o currículo na perspectiva multicultural crítica em outras áreas do conhecimento.

MN – Há professores de Língua Portuguesa que tematizam a literatura de cordel. Além de discutir a produção escrita e a música, analisam quem são os artistas, quais suas histórias e discutem como são produzidos pela mídia das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Imaginemos que façam o mesmo com a MPB, o samba, o *rock* ou o *funk*. Que, após análises comparativas de dois ou mais gêneros musicais, estimulem os estudantes a produzir suas próprias canções, entrevistar DJs, sambistas, roqueiros ou, simplesmente, apreciadores. Esse emaranhado de situações pedagógicas proporcionará uma visão bem mais ampliada sobre o tema cultural.

Polo Campinas-Valinhos – Como desconstruir a ideia do grafite como forma de incentivo ao vandalismo visto por muitos dos profissionais que trabalham na escola? Em alguns momentos esse “tipo” de expressão dos alunos já foi visto como forma de depredação da escola por esses profissionais.

MN – Para construir tal representação, os profissionais precisam acessar outros significados. Assistir a um documentário, conhecer um grafiteiro, acessar uma pesquisa sobre o tema, entre tantas outras possibilidades, facilitarão a desestabilização da visão inicial. Obviamente, apesar de todas essas situações, é possível que sigam enxergando o grafite e os grafiteiros de forma distorcida. Mas, ao menos, puderam acessar posicionamentos que não corroboram o que pensam.

Prof. Athos (CE 156 – São João da Boa Vista) – Em uma festa cultural do 1º ao 5º ano devemos selecionar previamente as músicas com os alunos, abordando diversos gêneros? Como você disse que existem alguns estilos musicais em que as coreografias chegam próximas do solo com movimento de quadril e os alunos adoram, podemos utilizá-las e trabalhar com os alunos seus significados? A partir de que idade?

MN – Por vezes, as festas possuem temas. Seria interessante que os alunos, justamente os que dançarão, pudessem selecionar as músicas sem divergir do significado da comemoração. Caso as danças suscitadas pelas músicas selecionadas possuam os referidos movimentos, está aí uma boa questão para ser problematizada. Na perspectiva cultural, não há restrição de faixa etária. Se os pequenos dançam assim, melhor que os proibir, é conversar sobre o que estão fazendo, o porquê, qual a origem, como aprenderam e o que significa (para eles e para outras pessoas).

Profa. Márcia Regina (CE 160 – Polo de São José dos Campos) – Por ser um trabalho inovador levar para a sala de aula uma cultura não valorizada no meio escolar, gostaria de saber qual a configuração do trabalho apresentado. Foi um projeto didático? Demorou quanto tempo? Você, como pesquisador acadêmico, auxiliou o desenvolvimento do trabalho docente? Como?

MN – O trabalho apresentado foi realizado por uma professora que coloca em ação a perspectiva cultural da Educação Física. Ela participa do Grupo de Pesquisas em Educação Física da Faculdade de Educação da USP, onde, durante as reuniões, discutimos os fundamentos da proposta, analisamos e debatemos as experiências dos professores. Não há apoio pontual para a realização de um projeto específico. Todos os participantes apresentam sugestões com base nos referenciais teóricos ou nas próprias experiências.

CE 370 – Tambaú – Como fazer com que todos os alunos vivenciem todas as práticas corporais, sendo que nem todos possuem em sua comunidade as “mesmas vivências”?

MN – Não há por que fazer com que todos os alunos vivenciem todas as práticas corporais. Como eles possuem trajetórias culturais diferentes, participarão das aulas envolvendo-se de forma distinta. Na perspectiva cultural, o trabalho não se baseia somente nas vivências corporais. Os alunos assistem e discutem vídeos e textos, entrevistam participantes, pesquisam na internet, fazem estudos do meio, elaboram apresentações, registram de variadas maneiras; enfim, a diversidade de situações didáticas faz com que cada sujeito participe do seu modo.

Profa. Tábita (Inglês – CE 407) – Como não permitir que as diferenças culturais interfiram na prática pedagógica, uma vez que muitos educadores ainda resistem àquilo que não conhecem ou não entendem como manifestação cultural de determinado grupo?

MN – Não há como impedir a interferência das diferenças culturais, uma vez que elas constituem as nossas representações sobre o mundo. Isso aumenta a importância de desenvolver atividades, inclusive com os docentes, que possibilitem o reconhecimento e a valorização dos outros grupos culturais. O problema é que nosso olhar é sempre etnocentrado e entendemos a nossa maneira como sendo a melhor forma de ver as coisas do mundo. Mais um motivo para potencializar as vozes dos outros e conhecer seus pontos de vista.

Profa. Jaqueline (CE 125 – Salto) – O projeto apresentado é muito interessante, mas pergunto: deve ter demorado muitas aulas, um ou dois bimestres? Será que, ao aprofundar tanto o trabalho, não estamos promovendo outra forma de hegemonia (por ex.: 1º semestre, hip-hop). E se fosse feito de forma interdisciplinar, não seria melhor? Sobraria mais tempo para cobrarmos os conteúdos.

MN – O trabalho perdurou por um semestre. Uma vez que recorreu a diversos campos do conhecimento, foi interdisciplinar. É importante lembrar que muitos trabalhos realizados dentro de uma mesma disciplina recorrem aos saberes das demais; foi o que aconteceu. “Cobrar conteúdos” não é o objetivo da escola. Os conteúdos devem emergir das problematizações para ajudar os alunos a entenderem os fenômenos da sociedade. No caso, todos os conteúdos trabalhados (e foram muitos) fizeram com que os alunos entendessem melhor os elementos da cultura *hip-hop* e os seus representantes.

Prof. Anderson (CE 160 – Polo de São José dos Campos) – Como a escola poderia movimentar as práticas corporais e culturais utilizando diversas disciplinas do currículo?

MN – Infelizmente, o currículo da maioria das escolas, assim como a trajetória formativa dos professores é disciplinar. É o que torna difícil que qualquer docente cruze as fronteiras do seu próprio conhecimento e se aventure por terrenos pouco conhecidos. Mas isso é desejável e pode ser feito por meio da tematização. Suponhamos que os docentes de uma determinada escola decidam coletivamente tematizar a Copa do Mundo de 2014. Várias disciplinas poderiam contribuir com seus conhecimentos. Um professor de Educação Física, por exemplo, poderia iniciar o trabalho com os alunos na quadra, propondo uma vivência seguida de análise da partida. Nas aulas de História, o professor poderia discutir o papel político e econômico do evento fazendo a leitura e a discussão de matérias jornalísticas. Em ambos os casos, o tema é o mesmo, mas foi na aula de Educação Física que os alunos efetivamente jogaram.

Prof. Juliano Jocopini (Matão) – Levando em consideração que a diferença também forma a identidade, como trabalhar a valorização de um dito “diferente” no ambiente escolar? Insere cultura ou se insere na cultura?

MN – A identidade e a diferença são produzidas culturalmente. Quem partilha dos mesmos significados culturais que eu é visto como idêntico. Quem não compartilha, porque pertence a um grupo cultural distinto, constitui a diferença. A identidade é moldada com base na sua oposição à diferença. O problema é que, muitas vezes, as experiências acumuladas nos levam a fixar identidades, fortalecendo-as demasiadamente. Trata-se da política de identidade. Se todos os dias minha condição de homem é reforçada em detrimento da condição de mulher, como passarei a ver as mulheres? É aí que a política da diferença ganha relevância. Para tanto, é fundamental proporcionar situações que desnaturalizem o processo de construção identitária. A condição masculina foi culturalmente produzida como identidade, não se trata de dom, vocação ou escolha divina.

Profa. Sandreli (Arte – CE 101 – Americana) – O trabalho com o hip-hop é muito válido, mas não ficou restrito à realidade cotidiana dos alunos? Creio que nós, educadores, devemos trazer toda a diversidade de ritmos para os alunos, principalmente aqueles ritmos que eles não conhecem, para assim promover um maior estudo da diversidade cultural.

MN – Muitos alunos não conheciam o *break*. A absoluta maioria desconhecia os elementos da cultura *hip-hop*. Com as atividades de aprofundamento e ampliação, os alunos adquiriram uma visão crítica acerca dessa manifestação cultural. Eis o papel da escola. Se pensarmos que a maioria dos nossos alunos fica 12 anos na escola, eles terão tempo e oportunidade para estudar outras práticas corporais. Todavia, não se trata de oferecer-lhes algo diferente do que fazem, mas sim procurar interfaces entre o que acessam culturalmente e as experiências de grupos distantes.

Prof. Helton (Marília) – A televisão e as novas mídias têm exibido de maneira enfática, e por que não dizer exagerada, o futebol. Acredito ser negativo por um sentido mercadológico; percebe-se então a influência

da mídia na formação de nossas crianças, incentivando a preferência pelo futebol em detrimento de outras práticas corporais, fenômeno observado nas escolas brasileiras, com a insistência de jovens e crianças na prática do futebol. Qual a sua opinião a respeito?

MN – A sociedade consome o futebol. É o maior entretenimento disponível ao grande público no Brasil, por isso recebe tantos incentivos governamentais e ocupa um grande espaço na mídia. Portanto, é de esperar que, cada vez mais, tenhamos nas escolas e em outros lugares pessoas que queiram praticá-lo. Mas as aulas de Educação Física não são o lugar da prática do futebol. Se tematizado naquele período letivo, ocupará o lugar do estudo. Se deixamos os pequenos jogarem livremente ou escolherem o que querem jogar, estaremos reforçando a identidade do componente como ocasião para simplesmente jogar. Naquelas escolas em que isso não acontece, os alunos aprendem que as aulas são destinadas às atividades de ensino. Isso não impede que a escola possua horários específicos para a prática da modalidade (ou de qualquer outra) com sentido lúdico. Os horários de intervalo, por exemplo.

Prof. Leonardo (CE 420 – Salto) – Sua fala foi bastante direcionada a alunos do 1º ao 5º ano (Ensino Fundamental). Num mundo de sedentarismo altíssimo e tecnologia cada vez mais presente a todos por meio de celulares, tablets etc. e que cada vez desmotiva mais o prazer pelo movimento corporal em alunos do Ensino Médio, você tem alguma sugestão para conseguir conciliar tudo de forma que motive os jovens de 14 a 17 anos de idade a conhecer o novo foco da sua cultura corporal?

MN – Abordamos o currículo da Educação Física sem seccioná-lo, pois na perspectiva cultural não há um tema ou forma de abordagem específico conforme a faixa etária. Tal divisão é oriunda das teorias psicobiológicas, que se pautam nas noções de crescimento e desenvolvimento para determinar objetivos e conteúdos de ensino.

Quando deixamos de lado nossas representações e mapeamos adequadamente o patrimônio dos estudantes, descobrimos que muitos jovens são skatistas, praticam lutas, competem em variadas modalidades, dançam em baladas, jogam *video games* etc. Na perspectiva cultural, selecionamos os temas de estudo tomando como base o universo de conhecimentos que os alunos possuem e aqueles que acessam pela TV, contato com amigos, viagens etc. As experiências realizadas (e disponíveis em <www.gpfe.fe.usp.br>) revelam que projetos que tematizaram o futebol americano, o *funk*, a cultura corporal chinesa, as danças eletrônicas, os esportes radicais etc. foram muito bem-sucedidos, assim como os projetos que abarcaram as práticas que os jovens conheciam. Todavia, insistimos, não é objetivo da proposta apresentar-lhes uma manifestação corporal desconhecida para que ampliem seus conhecimentos e se tornem praticantes.

Profa. Cecília (História – CE 339 – Araraquara) – Como trabalhar com indivíduos cujo capital cultural não se adapta às aptidões físicas ou às habilidades corporais? Como inserir esses alunos em um grupo maior, respeitando suas escolhas?

MN – A cultura corporal é uma parcela da cultura mais ampla. O patrimônio de cada indivíduo decorre da sua interação com os demais componentes dos grupos sociais com os quais estabelece contato. A perspectiva cultural da Educação Física não objetiva adaptar as pessoas a determinados níveis de aptidão ou habilidade motora. Tampouco leva isso em consideração. Tais preocupações alinham-se a outras concepções de ensino do componente. Na visão apresentada, os sujeitos participam das atividades com base nos saberes adquiridos, sem qualquer adjetivação de certos ou errados, hábeis ou inábeis, aptos ou inaptos.

Polo Rio Claro – Considerando a educação de tempo integral, gostaria que você falasse sobre o lugar do lúdico na escola.

MN – O lúdico é uma experiência cultural de grande relevância. Johan Huizinga nos ensina que o lúdico produz cultura. Se o objeto de trabalho da educação é justamente a cultura, é fundamental que na escola, independentemente do período de permanência diária, os alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio possam compartilhar experiências lúdicas.

Prof. Amauci (CE 436 – Nova Odessa) – Por que não há na formação dos professores valorização das nossas danças e manifestações culturais, já que o Brasil é rico e plural em danças?

MN – Todos os currículos resultam de relações de poder que determinam o espaço e o tempo de determinados conhecimentos em detrimento de outros. Isso ocorre também com os currículos do Ensino Superior. Como explicar que a maioria dos cursos de licenciatura em Educação Física ainda dedique um ano letivo ao estudo de algumas modalidades esportivas, justamente aquelas de origem euro-estadunidense, branca, heterossexual, cristã e burguesa? Obviamente, o perfil profissional formado será fortemente influenciado por esse projeto que visa à continuidade de determinado modelo social. Para desestabilizar esse processo, seria necessário mudar, mas, como as danças da tradição afro-brasileira, por exemplo, praticamente não são abordadas, a possibilidade de o egresso trabalhar com elas na escola será mínima. O mesmo se pode dizer acerca de determinadas lutas, brincadeiras ou mesmo os esportes não hegemônicos.

Prof. Vornei (Polo Campinas) – Tendo em vista que as crianças produzem a atividade com os conhecimentos adquiridos conforme suas capacidades, como avaliar de zero a dez essas produções? Às vezes alguns alunos não apresentam essa produção em razão de motivos diversos (vergonha, timidez). Nesse sentido, como poderíamos realizar uma atividade de recuperação para esse jovem, uma vez que se trata de uma atividade de vivência?

MN – Na perspectiva cultural da Educação Física, a preocupação recai sobre as atividades de ensino propostas. Logo, a avaliação visa reorganizar o percurso ou dar continuidade ao que está sendo feito, caso o grupo esteja correspondendo às expectativas. Se, ao final do tempo inicialmente previsto, o professor verificar que as experiências não surtiram o efeito esperado nas representações que os alunos possuíam inicialmente, ele dará continuidade ao projeto. A avaliação baseada na aprendizagem individual e a recuperação correspondem a outras concepções de trabalho.

Profª. Luciene (Polo Americana) – Acredito que, pela herança cultural, o hip-hop é visto como uma dança pesada, de marginais, típica de locais violentos. Como trabalhar os pais nessa questão? Porque os alunos a aceitam muito bem.

MN – Em todas as escolas em que trabalhos como esse foram realizados, as crianças e os jovens sempre relatam possuir parentes que participam do movimento *hip-hop*. Por isso insistimos em um amplo mapeamento da comunidade. Muitos pais jogam *video game*, praticam esportes radicais, possuem grupos de pagode, frequentam baladas, dançam forró, praticam lutas variadas, empinam pipas, soltam balões, jogam cartas, frequentam casas de jogos, academias de ginástica etc. Precisamos abrir mão da posição de guardiões de uma cultura corporal elitista e pura. O patrimônio das comunidades é híbrido. E é com base nele e com ele que temos de trabalhar.

Profª. Gislene (CE 401 – Polo de São José dos Campos) – Como o trabalho da cultura corporal pode auxiliar no tratamento e na prevenção da obesidade infantil dos alunos que estudam em período integral e não dispõem de tempo para se exercitar após o período escolar?

MN – Esse não é o objetivo da perspectiva cultural, nem tampouco da Educação Física. O componente tem como função formar pessoas que possam interpretar e produzir as práticas corporais. Muito

pelo contrário, um bom currículo de Educação Física combaterá o “discurso” da obesidade infantil colocado em circulação por setores sociais com projetos políticos, no mínimo, obscuros. Em muitas aulas, os alunos terão menos oportunidades de movimento que no horário dos intervalos, portanto não é por meio delas que o gasto energético contribuirá para a eliminação de gordura. Apesar de entender que a escola não deve se deixar levar por esse turbilhão, caso queira, precisa assumir que se trata de uma mudança cultural. Como fazer para convencer as famílias a modificarem seus hábitos alimentares e de lazer? Como convencê-las a mudar a rotina e substituir atividades? Será que a escola tem esse direito?

Polo Rio Claro – Como realizar um trabalho com enfoque cultural margeado pela competição esportiva?

MN – A competição caracteriza algumas práticas corporais (esportes, certas lutas e brincadeiras). Deve, portanto, ser problematizada. Isso não significa realizar um trabalho focando o desempenho competitivo. Essa não é a função da Educação Física escolar.

Prof. Gilberto (Leme, Araras e Pirassununga) – Dando ênfase à cultura corporal de movimento como você propõe, contextualizada e sob a ótica da música e da cultura circundante, como despertar atletas para o atletismo, vôlei etc., se não temos espaço para o conhecimento das técnicas de 100, 200 metros etc. no atletismo? Como teremos futuros atletas se nossas crianças e adolescentes não têm mais um estreito contato com isso? Só terão nos espaços particulares? Não é função da escola também proporcionar esse contato? Como conciliar tudo isso no pequeno espaço de tempo disponível nas aulas?

MN – “Despertar atletas” não é o objetivo da Educação Física escolar. Esse trabalho tem o seu lugar em outras instituições, onde os profissionais deverão ser formados especificamente para isso. Os currículos de licenciatura abordam outras temáticas, conhecimentos

aprofundados com relação à “Aprendizagem Motora”, ao “Controle Motor”, ao “Desenvolvimento Motor”, à “Biomecânica”, necessários a quem atuará na formação esportiva, não fazem parte da trajetória dos futuros professores.

Profa. Hortênsia (Polo A. E. Carvalho) – Atualmente há uma vontade da mídia de dar características elitistas ao movimento hip-hop em detrimento da verdadeira história política dos elementos que o compõem?

MN – Uma parcela da mídia atribui ares performáticos às manifestações culturais, visando transformá-las em objetos de consumo. Por isso, assistimos a competições de quadrilhas juninas, desfiles de escolas de samba etc. Em todos os casos, as práticas aparecem desconectadas dos seus significados originais, restando apenas uma estética pasteurizada.

Polo Ribeirão Preto – Interessante a colocação de diferentes práticas corporais na escola. Qual é a sua opinião sobre quem deve desenvolver com os alunos do 1º ao 5º ano, em escola de meio período, essas diferentes práticas de movimentos corporais?

MN – O ideal é diminuir ao máximo a quantidade de disciplinas e professores, visando à redução dos problemas oriundos da fragmentação do conhecimento. Professores generalistas bem formados podem tranquilamente tematizar as manifestações culturais corporais, haja vista o que acontece na maioria absoluta dos países onde a unicodência permanece até o fim do que chamamos 8º ano do Ensino Fundamental.

Prof. Valdir (CE 425) – Parabéns! Um ponto a destacar é que as músicas hip-hop, black music e street ball também são culturas importadas (EUA). Por que não usar aquilo que temos: trevo, catira, repentes, samba e música nacional?

MN – Não há restrições. Todas as práticas corporais são dignas de figurar no currículo. Práticas corporais urbanas e rurais, antigas e contemporâneas, femininas e masculinas, burguesas e proletárias, tradicionais e modernas etc.

Profa. Masé e Profa. Mariangela (CEs 085 e 165 – Piracicaba) – Em nossa proposta escolar, a diversidade cultural é abrangente. Temos então que trabalhar o multiculturalismo relativo a etnias em nossa prática pedagógica. Como atingir esse universo multicultural com nossos alunos, para os quais a cultura midiática é mais latente em seu dia a dia?

MN – É impossível agregar o universo multicultural. Todavia, temos que fazer o possível para romper com a perspectiva monocultural que a todo momento nos atrai. As questões étnicas são apenas um dos marcadores possíveis. Outros também devem ser explorados: classe social, gênero, religião, local de moradia, entre tantos que caracterizam as práticas corporais.

Professor Júlio César (Pardal) (CE 227 – Monte Alto) – Sabendo que o professor de Educação Física tem duas aulas semanais no Ensino Fundamental e uma aula semanal no Ensino Médio, além de um número expressivo de expectativas de ensino e aprendizagem a serem contempladas no ano letivo, como realizar um trabalho consistente dentro desse contexto?

MN – Não podemos esquecer que a Educação Física, por força de lei, já dispôs de três aulas semanais. O que fizemos (ou não fizemos) para perder esse espaço? A luta pela recuperação dessas aulas precisa sempre estar entre os nossos objetivos. No contexto atual, há que diminuir as expectativas de aprendizagem (o que já foi feito na Proposta Curricular de Educação Física de 2013) e potencializar, ao máximo, as atividades de ensino. O tempo diminuto com os alunos não pode ser usado como justificativa para realização de um trabalho superficial. Aí está mais um motivo para solicitar o apoio das outras

áreas e instâncias da escola, insistindo na reserva de horários e locais para o desenvolvimento das atividades de ensino da Educação Física.

Prof. Cleives (CE 030 – Polo de São José dos Campos) – Mesmo com toda a explanação da palestra, é possível produzir cultura corporal com ações individuais?

MN – Cultura é toda produção de significados. Quando lemos um texto, assistimos a um programa de televisão ou jogamos *video game*, estamos produzindo cultura. Mas essas não são ações individuais, pois ocorreram com base em artefatos culturais socialmente disponíveis.

Profª. Priscila (CE 031 – Salto) – Como romper com o preconceito de inserir na escola a cultura das periferias? Quais são os melhores caminhos?

MN – O ponto de partida deve ser o mapeamento. Recordamos que na contemporaneidade, graças aos meios de comunicação, as fronteiras entre periferia e centro são bastante fluidas. Logo, apesar do esforço que a escola faz para impermeabilizar os seus muros, as culturas subjugadas penetram. Um currículo justo desloca a condição dessas manifestações, intercalando-as com os produtos culturais já existentes.

Prof. Sérgio e Prof. Sandro (CE 125 – Salto) – Observamos no vídeo que o projeto de dança (hip-hop) se deu em escola de periferia, e o balé em geral é ensinado em espaços elitizados. Qual é a sua opinião sobre essa diferença na educação da expressão corporal, tendo como objetivo a formação de identidades democráticas?

MN – A sociedade dispõe de diversos espaços de segregação e instauração de políticas que fixam identidades hegemônicas. A perspectiva cultural da Educação Física atua na direção contrária. Ao trabalhar com as práticas culturais corporais periféricas e centrais, visa

estimular o diálogo com as diferenças. Trata-se, portanto, de equilibrar as temáticas no currículo.

Prof. Salomão e Prof. Onassis (CEs 064 e 425) – Pressupondo que a escola é um microcosmo da sociedade, como “imagina” que ela não represente a desigualdade existente?

MN – A escola não pode continuar reproduzindo a desigualdade social. A partir dos anos 1960, os crítico-reprodutivistas denunciaram a falácia da ascensão social por meio da escola. As pesquisas realizadas indicaram que a instituição contribuía para perpetuar as diferenças. Pois bem, é contra isso que a perspectiva cultural da Educação Física trabalha. Ao problematizar também as práticas corporais dos grupos minoritários, todos os alunos aprenderão sobre eles. Essa experiência desnaturalizará formas preconceituosas de representar o outro. Com isso, teremos gradativamente uma sociedade menos desigual.

Profa. Alessandra Caetano (Polo Campinas) – O exemplo de trabalho apresentado (hip-hop) demonstrou uma discussão e um bom aprofundamento de cada componente desse elemento da cultura; isso conseqüentemente requisitou um tempo maior de acordo com as expectativas e demandas dos alunos. Desse modo, você acredita que deve ser realizado um estudo mais detalhado de um único tema dentro do período (bimestre, etapa) avaliativo?

MN – Exatamente. É fundamental o alargamento do tempo para tematização de determinada prática corporal. Conforme o grupo de alunos, uma determinada manifestação poderá suscitar mais questionamentos e, conseqüentemente, um tempo maior de dedicação que outra. Não há como encaixá-las nos tempos escolares aos quais estamos acostumados. Um dado projeto poderá ser desenvolvido por um mês e meio, outro por três meses, outro por um ano etc.

Prof. Luciano Henrique Nunes Pinheiro – Como pensar na linguagem corporal para os alunos da EJA?

MN – Todos os grupos culturais possuem um patrimônio que se expressa por meio da linguagem corporal. O trabalho pedagógico com os alunos da EJA em nada se diferencia do ensino regular: mapeamento, ressignificação, aprofundamento e ampliação.

Polo Marília – Você fala o tempo todo sobre “mapeamento”, nós fazemos o “levantamento dos conhecimentos prévios”. Qual é a diferença entre os dois?

MN – Mapear significa reconhecer o universo cultural dos alunos. Levantar os conhecimentos prévios é procurar saber o que eles conhecem acerca do que pretendemos ensinar. Enquanto o primeiro busca justamente selecionar aquilo que será ensinado, o segundo parte do princípio de que o objeto de ensino já está decidido. A fundamentação teórica do mapeamento são os estudos culturais. A fundamentação do “levantamento dos conhecimentos prévios” é a psicologia do desenvolvimento.

Prof. Rogério – O exemplo apresentado no vídeo é um trabalho grandioso. No mapeamento corremos o risco de deparar com um trabalho diferente em cada sala. Como lidar com esse trabalho com a qualidade desejada?

MN – Esse “risco” sempre está presente. O ideal é realizar o mapeamento pelo ano de ensino. É recomendável que o professor aborde a mesma temática naquelas turmas do mesmo ano, por exemplo, todas as classes do 7º ano do Ensino Fundamental em um determinado período letivo estudarão os esportes radicais.

CE 407 (Polo Araraquara) – Qual a possibilidade de ampliação das práticas esportivas (corporais) levando em conta a formação dos professores e a adequação da infraestrutura nas diversas redes de ensino?

MN – Não há limites para a ampliação dos conhecimentos dos alunos. Já as oportunidades de vivência de determinadas práticas corporais dependem das condições de vivência. O professor conseguirá driblar algumas dificuldades por meio de visitas e atividades fora da escola. Conhecemos trabalhos em que os alunos visitaram e experimentaram a prática do *skate* em uma pista e a hidroginástica em uma piscina pública. Obviamente, durante as demais aulas foram organizadas atividades de discussão, vivências adaptadas, assistência a filmes etc.

Prof. Amauci (CE 436 – Nova Odessa) – Essa valorização das culturas americanas (hip-hop, break, rap) em detrimento das brasileiras (cattira, coco de zambê, frevo), desafios de MC em vez de “embolada” de coco, é por comodismo ou por falta de conhecimento dos professores de Educação Física?

MN – A perspectiva cultural não coloca uma prática no lugar de outra. Há espaço para todas. Vale recordar que a Educação Básica possui 12 anos; logo, seguindo o princípio da justiça curricular, todos os grupos culturais terão suas manifestações corporais contempladas. Algo bastante diferente da tradição euro-estadunidense, branca, heterossexual, cristã e burguesa que marca as quatro modalidades privilegiadas pelo currículo convencional da Educação Física.

Profa. Sheyla (CE 401 – Polo de São José dos Campos) – Temos um trabalho muito rico com os jogos cooperativos, porém sabemos que muitos alunos ainda possuem uma resistência ao grupo. Como fazer esse aluno expressar sua identidade nesses momentos de vivência?

MN – Alguns alunos resistem aos jogos cooperativos porque eles tratam de construções artificiais. Eles não existem nos parques, praças, clubes, condomínios, ruas e demais espaços que os alunos frequentam. São transposições das empresas para as escolas com o objetivo de regular o comportamento dos funcionários e alunos. Vale

a pena investigar a origem da resistência e a interface entre essa proposta e o repertório cultural corporal dos alunos.

CE 339 (Polo Araraquara) – Como trabalhar as teorias e práticas de Educação Física do 1º ao 5º ano, se não somos especialistas e não sabemos os fundamentos ou as teorias da Educação Física?

MN – A absoluta maioria dos currículos da licenciatura em Educação Física não aborda a capoeira. No exemplo apresentado na palestra, a professora que desenvolveu o projeto tampouco estudou *hip-hop* na escola. As temáticas de ensino de todas as disciplinas sofrem transformações com o passar do tempo. Por isso, é fundamental os sistemas investirem na formação contínua dos professores. Veja o caso das novas tecnologias de informação e comunicação; muitos de nós trabalhamos com elas em sala de aula, mesmo que esses conhecimentos não tenham sido contemplados nos anos da nossa formação inicial. A polivalência é uma condição bastante interessante quando se tem em vista o desenvolvimento de projetos integrados.

Polo Osasco – Tudo que está sendo mostrado é muito interessante, porém essa prática já faz parte das vivências dos alunos. Mas e os que não têm habilidade de movimentar o corpo dessa maneira: o que foi feito para esses alunos? Como conseguiram desenvolvê-las?

MN – Não é objetivo da perspectiva cultural da Educação Física desenvolver as habilidades motoras dos alunos. Observe que no exemplo apresentado os alunos movimentavam-se conforme as representações que possuíam e foram agregando novos elementos com base no contato com as outras crianças e na assistência aos vídeos. Mesmo assim, criaram suas danças com base em experiências anteriores.

Polo Santo André – Os jogos “menos corporais”, que priorizam habilidades intelectuais, como xadrez, dama, tabuleiro, entre outros, já são

comuns na escola. Hoje, na cultura jovem e de adultos, o video game faz parte do cotidiano e do interesse de um público diverso. Qual a sua opinião a respeito dos jogos eletrônicos na escola?

MN – Todas as práticas da cultura lúdica são bem-vindas ao currículo cultural da Educação Física. Os jogos eletrônicos podem figurar como tema central ou como evento paralelo. Em um projeto que tematize o futebol, por exemplo, poderão ser organizadas vivências com os jogos eletrônicos que reproduzem a modalidade.

CE 438 (Cajamar) – Por que o hip-hop e não a capoeira? Assisti a um filme no qual a capoeira resolveu os problemas disciplinares.

MN – Na perspectiva corporal, a Educação Física não tem como objetivo resolver problemas disciplinares. Todas as práticas corporais são bem-vindas, sem restrições.

Prof. José Benedito (CE 207 – Polo de São José dos Campos) – Nas Olimpíadas vemos resultados insatisfatórios, principalmente nas modalidades individuais, como atletismo (corridas, saltos etc.). Como resolver o problema para melhorar os resultados? A escola pode ajudar?

MN – Convém recordar que esse modelo já foi experimentado, e os efeitos foram pífios. Nenhuma escola pode ajudar a melhorar resultados olímpicos. Isso decorre da política esportiva de um país. O objetivo da Educação Física escolar é outro. É importante lembrar que muitos sistemas de ensino reconhecidos pela sua excelência simplesmente não se preocupam com o desempenho esportivo de excelência. No Brasil, a escola ainda precisa oferecer respostas a outras questões como a evasão, a desigualdade e a injustiça.

Profª. Silvia Merón (Educação Física – CE 106 – Polo Araraquara) – Reconhecendo a importância de ampliar o “leque” do trabalho com diferentes culturas corporais, ajudando a construir nos estudantes a identidade democrática, não seria mais significativo, nos eventos es-

portivos, também valorizar essas diferentes culturas e não mais o “quarteto fantástico” ainda tão valorizado?

MN – Exatamente. A perpetuação das quatro modalidades tradicionais em pouco contribui para uma educação sensível às diferenças culturais e comprometida com a formação de identidades democráticas.

Prof. Raphael Fernando Cardoso (CE 174 – Ferraz de Vasconcelos) – O avanço tecnológico trouxe uma facilidade enorme no acesso às informações, instigando a cópia de movimentos, fato que acaba afetando na criação, porém estimula a experimentação, elencando essa contextualização; ela traz mais ou menos benefícios para o desenvolvimento cognitivo/motor?

MN – A perspectiva cultural da Educação Física não objetiva o desenvolvimento cognitivo ou motor. Para tanto, sabe-se que é importante colocar em ação um trabalho baseado na consistência, na variabilidade, no grau de liberdade e na dissonância cognitiva. Penso que o contato midiático com outras práticas corporais contribua muito pouco para o desenvolvimento motor e cognitivo.

Polo Catumbi – Pelo fato de a Educação Física ser um componente curricular na área de Linguagem, qual é a melhor forma de selecionar o conteúdo a ser tematizado? Depende da faixa etária (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio)? Dentro da proposta pedagógica da rede SESI-SP existem alguns procedimentos metodológicos a serem trabalhados (levantamento de conhecimentos prévios, mobilização, sistematização, avaliação). Como aplicar o currículo de cultura corporal na Educação Física dentro desse contexto? A rede SESI-SP apresenta um forte foco no esporte escolar. Assim, qual é a melhor forma de a visão esportivista não ser a única dentro da escola?

MN – Na perspectiva cultural, as temáticas a serem estudadas são selecionadas com base no mapeamento do patrimônio corporal

da comunidade e sua relação com o projeto da instituição. A faixa etária não é levada em consideração, mas sim a experiência cultural dos alunos. A Proposta Curricular de Educação Física publicada em 2013 sugere outros procedimentos metodológicos, alinhados ao que foi apresentado.

Profa. Jacqueline Chiquito (CE 125 – Salto) – A escola é um espaço, entre outras funções de acesso, e a Educação Física assume o papel de trazer as manifestações corporais produzidas e sistematizadas culturalmente, de diferentes grupos, para acesso de seus alunos. No entanto, não cabe apenas ao professor trazer e problematizar essas práticas na escola, mas ao “sistema”. A ausência de equipamentos específicos, mesmo que o professor use sua criatividade e adapte, nem sempre garante uma prática coerente, efetiva e segura. O resquício de teorias psicomotoras e tecnicistas no currículo, maquiadas pela teoria crítica, ainda colabora para a não aceitação de certas práticas abordadas pelos professores. Qual a diferença ou avanço que seus termos “mapeamento” etc. se diferem ou são melhores que os propostos por Saviani – prática social inicial etc. em meados de 1980?

MN – Não são melhores nem piores. São perspectivas de trabalho distintas. A proposta de Saviani ampara-se nas teorias críticas da educação. A perspectiva cultural da Educação Física fundamenta-se nas teorias pós-críticas. Estas agregam aos marcadores de classe social a problematização da etnia, gênero, religião etc. Os objetivos são distintos: enquanto a primeira objetiva a transformação social, a segunda propõe a ampliação das representações dos alunos. Outra diferença consiste nos conteúdos trabalhados. Alinhado à modernidade, o currículo baseado nas teorias críticas compromete-se com o ensino dos conteúdos da cultura dominante, denunciando seu componente ideológico. Por sua vez, o currículo pós-crítico valoriza os conhecimentos subjulgados, historicamente marginalizados e propositalmente esquecidos.

CE 125 (Salto) – Qual o avanço que a teoria multicultural na Educação Física traz em relação à teoria crítico-superadora do coletivo de autores de 1992, que já abordava essa temática na época?

MN – Com base no que foi discutido na questão anterior, a proposta crítico-superadora tem como fundamento as teorias críticas da educação; portanto, os demais marcadores sociais não são problematizados. Ademais, a obra mencionada sugere um currículo a ser seguido e visa à formação de um indivíduo autônomo, alinhado aos pressupostos da modernidade. Além dos aspectos mencionados na resposta à questão anterior, a perspectiva cultural da Educação Física diverge totalmente dessa visão. Ela desconfia das promessas de liberdade, conscientização e autonomia da proposta crítico-superadora, alcançadas por meio do conhecimento científico. Um currículo pós-crítico trata com o mesmo cuidado as práticas e os conhecimentos populares, as superstições que envolvem as manifestações corporais e os conhecimentos midiáticos e do senso comum. Um currículo pós-crítico não define o que deve ser ensinado, pois reconhece a condição de autor do professor e dos alunos. Outro aspecto que merece destaque é o fato de a perspectiva cultural ter sido produzida levando em conta a reflexão dos professores e professoras que atuam em escolas públicas e privadas, reflexão também feita com eles em todas as etapas da Educação Básica.

Polo Pederneiras – Na questão da relação de consumo e democratização cultural, temos hoje a musicalidade, na qual, na letra e melodia, são expostas situações que incitam práticas sociais muitas vezes questionáveis pela comunidade. Como interferir no currículo dos alunos que inevitavelmente adotam esse comportamento dançante instaurado pela mídia?

MN – Nenhum trabalho pedagógico pode prescindir da problematização de sua ocorrência na sociedade. Trata-se do princípio da ancoragem social dos conhecimentos. O professor precisa organizar situações didáticas para discussão da aparição dessas manifestações

na mídia, dando a conhecer outros pontos de vista. Isso fomentará o criticismo com relação ao que é transmitido.

Bibliotecário Isaac Braga Filho (CE 108 – Polo Araraquara) – Na escola, lidamos com uma pluralidade de culturas, religiões e crenças. O que fazer para não deixar morrer comemorações como Páscoa, danças juninas, folclore, entre outras, já que os alunos são impedidos pela família de participar dessas práticas?

MN – Em uma escola laica, temos que questionar a permanência de algumas dessas práticas. As danças juninas e as festividades em torno do folclore precisam ser problematizadas, não podem constituir-se apenas em apresentações performáticas destinadas ao consumo dos espectadores. Esses eventos podem constituir um projeto de trabalho e ter seus significados e transformações discutidos da mesma forma como é feito com os demais temas.

Referências bibliográficas

- ESCUADERO, N. T. G.; NEIRA, M. G. Avaliação da aprendizagem em Educação Física: uma escrita autopoietica. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 285-304, maio/ago. 2011.
- MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 2000.
- NEIRA, M. G. *Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- _____. *A reflexão e a prática do ensino* – Educação Física. São Paulo: Blucher, 2011.
- _____. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da Educação Física. *Dialogia*, São Paulo, v. 2, n. 14, p. 195-206, 2011.
- _____; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2006.
- _____. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.
- _____. *Praticando estudos culturais na Educação Física*. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.
- _____. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011.
- SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.